

MARCOVALDO NA CIDADE MARAVILHOSA

Danielle Corpas

Faculdade de Letras - UFRJ

RÉSUMÉ:

Marcovaldo, personnage d' Italo Calvino, regarde la ville moderne avec des yeux (qui y perçoivent) des choses que la perception typiquement urbaine n'arrive pas à voir. En cherchant des vestiges de la nature dans le paysage de la ville, son regard est non seulement capable d'enregistrer des problèmes et des contradictions de la vie urbaine, mais aussi de trouver de fragiles possibilités de vivre d'une façon plus heureuse dans les grandes villes contemporaines. La première partie de l'article analyse ce regard "peu convenable" de Marcovaldo. Dans la deuxième, (Sont présentés deux petits récits qui, en pastichant Calvino, rendent compte de) deux aventures de Marcovaldo à Rio de Janeiro pour faire apparaître, sous le regard

marcovaldien, quelques particularités de la vie de cette ville.

Um olhar levemente inadequado

Deus me fez um cara fraco, desdentado e feio

Pele e osso simplesmente, quase sem recheio

Mas se alguém me desafia e bota a mãe no meio

Dou pernada a três por quatro e nem me despenteio

(Que eu já tô de saco cheio)

(Chico Buarque, "Partido alto")

Na primeira de suas Seis propostas para o próximo milênio, Ítalo Calvino faz o elogio de um atributo da literatura que considera um carimbo indispensável para seu ingresso na nova era: a leveza. Em outras destas conferências das Charles Eliot Norton Poetry Lectures, o prosador italiano se utiliza de suas próprias obras para sustentar sua argumentação; nesta palestra de abertura, porém, faz menção apenas a caracte-

rísticas gerais de sua escritura e de seu processo criativo. No entanto, um de seus livros poderia exemplificar perfeitamente o ideal de leveza que ele defende: Marcovaldo ou As estações na cidade.

O caráter tragicômico destas “fábulas da vida urbana” — obtido pelo equilíbrio da narração que pesa cuidadosamente as doses de lirismo, ironia e humor negro — resulta numa leveza absolutamente necessária à telmosa insistência com que Marcovaldo procura soluções para as agruras do cotidiano em uma metrópole. O fracasso constante e muitas vezes desastroso de sua criatividade não o faz desistir. Ele levanta e dá a volta por cima com uma leveza semelhante à do salto com que Guido Cavalcanti se desvencilha de seus perseguidores, na cena do Decamerão que Calvino usa como ilustração da leveza:

“Se quisesse escolher um símbolo votivo para saudar o novo milênio, escolheria este: o salto ágil e imprevisível do poeta-filósofo que sobreleva o peso do mundo, demonstrando que sua gravidade detém o segredo da leveza, enquanto aquela que muitos julgam ser a vitalidade dos tempos, estrepitante e agressiva, espizinhadora e estrondosa, pertence ao reino da morte, como um cemitério de automóveis enferrujados” (Calvino, 1990a:24).

Mas Marcovaldo não é poeta nem muito menos filósofo. Ele é um simplório carregador que alimenta um sonho ambicioso: viver de maneira mais saudável, mais agradável, mais humana na metrópole. Suas inúmeras tentativas de aproximação com a natureza são, no fundo, uma contínua busca de uma vida melhor. “Basta começar a não aceitar o próprio estado presente e sabe-se lá aonde se chega”, diz o narrador

logo no segundo conto (Calvino, 1994:15). Sem opções de lazer, morando com a família numerosa num pequeno apartamento de subsolo — depois ele sobe na vida e vai para uma mansarda —, comendo alimentos pouco saborosos e sujeitos a contaminação, tendo o acesso às tentadoras mercadorias da indústria moderna interdito por sua situação financeira, Marcovaldo busca nos vestígios da natureza que encontra na cidade uma alternativa: não aceitando um estado presente em que lhe é negado tudo aquilo que supostamente a vida urbana lhe facultaria, ele chega a uma imagem idealizada de vida campestre que é a meta de suas quixotescas investidas contra o “mundo cinzento e miserável que o circundava”.

A idéia que Marcovaldo faz do campo está impregnada de um bucolismo que fica explícito no conto “Uma viagem com as vacas”. Quando seu filho primogênito, encantado com o espetáculo de uma boiada que atravessa a cidade, parte para as montanhas, a imaginação de Marcovaldo pinta um quadro que se aproxima das descrições da poesia bucólica.

No calorão poeirento da cidade, Marcovaldo pensava no filho afortunado, que agora certamente passava as horas à sombra de um abeto, assobiando com uma folha de capim na boca, observando as vacas que se moviam lerdas pelo prado, e escutando na sombra do vale um murmúrio de água (Calvino, 1994:58).

Essa ilusão é desmentida pelo testemunho do filho, que experimentou os percalços do duro labor da pecuária. Mas mesmo depois dessa decepção por tabela, Marcovaldo continua a ver a natureza como alternativa de salvação, o que leva

a crer que sua busca não se relaciona apenas a um escapismo que estabeleça uma oposição entre campo e cidade. As aventuras deste pícaro moderno fazem parte de um projeto amplo de transformação da cidade. Sempre que os signos da realidade urbana são anulados ou amenizados, como acontece em "A cidade perdida na neve" e "A cidade toda para ele", Marcovaldo sonha com "uma cidade diferente" e a imagem bucólica do campo ajuda a compor essa nova cidade, "talvez apenas sonhada". A tentativa de resgatar elementos da vida rural no universo urbano vai de encontro a uma situação histórica típica do fim do século XX em que a relação entre campo e cidade se limita à troca de produtos, não correspondendo mais à possibilidade de trânsito de experiências que ainda se verificava no século passado ou mesmo, em alguns lugares, no início da segunda metade deste. Meu pai, nascido em 1943, conta que em sua infância, no subúrbio de Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro, subia em morros onde pastavam vacas, andava à cavalo e comia frutas do pé. Quarenta anos depois, os elementos da vida urbana atingiram uma tal supremacia no contexto mundial que, para a grande maioria da população urbana, essa vivência campestre ficou relegada à esporadicidade do turismo ou à memória de um passado idealizado. Reencontrando traços da experiência orgânica da vida campestre nas frestas do universo urbano, Marcovaldo perfaz, através de suas aventuras, um crítica desta cidade

que devasta outros modos de relação do homem com a paisagem que o circunda.

Comentando a fala de Beatriz Sarlo em um mesa-redonda, Antônio Candido (cf Sarlo, 1993), cita dois livros cujos títulos "parecem um capítulo de história contemporânea, sugerindo a visão transfiguradora do mundo rural desaguando na cidade arrasadora que a indústria gerou": *Les Campagnes Hallucinées* (1893) e *Les Villes Tentaculaires* (1895), do poeta belga Émile Verhaeren.⁽¹⁾ A lembrança do ensaísta brasileiro é perfeita para ilustrar aqui o processo de ruptura entre campo e cidade que culmina na situação vivenciada por Marcovaldo.

Os dois livros citados por Antonio Candido se inscrevem num momento realmente crucial da história da cidade moderna. O fim do século XIX, sobretudo na Europa, foi marcado por uma forte onda de industrialização que, associada à desvalorização econômica da atividade agrícola, teve por consequência um intenso movimento migratório. *Les Campagnes Hallucinées* retrata esse campo desolado, cortado por tristes procissões de camponeses que abandonavam suas aldeias em direção à cidade.

C'est la ville tentaculaire.
La pieuvre ardente et l'ossuaire
Et la carcasse solennelle.
Et les chemins d'ici s'en vont à
l'infini
Vers elle. (Verhaesen, 1938:14)

O poder de atração exercido por essa cidade que, como um polvo, esmaga com seus tentáculos outras formas de vida

? - Provavelmente houve um erro na transcrição da fala de Candido, pois os dois livros são aí tomados como um único título.

e espalha-se indefinidamente, perpassa os poemas deste livro — não é à toa que o poema de abertura deste livro que tematiza o campo se chama “La ville”. Mas a *clarté* que, misturada à fumaça das fábricas, se projeta do cenário urbano não ofusca, e até mesmo acentua, a imagem da “*plaine / Oú ne vague que crainte et peine*” (“La plaine”). Como na análise que Marshall Berman faz do papel de Filemo e Báucia no Fausto, em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, há aí um olhar que transita entre o campo e a cidade, registrando o avesso da modernização. É esse tipo de visão que se torna necessária na nossa época, para que haja uma perspectiva crítica que avalie por uma outra ótica a cidade moderna, percebendo aquilo que Verhaeren chamou de *le bonheur fallacieux* (“La ville”): as promessas de felicidade que Marcovaldo persegue mas que, no fim, lhe são quase sempre negadas. Por outro lado, esse olhar crítico é capaz de enxergar alternativas possíveis, e a ação que ele guia de fato altera a paisagem urbana, ainda que de maneira quase irrelevante; ele a torna um pouco menos áspera e hostil, com a leveza e a fugacidade de uma árvore que se desfolha no outono (“A chuva e as folhas”) ou de bolhas de sabão que por instantes enfeitam a cortina de fumaça (“Fumaça, vento e bolhas de sabão”). O apólogo que encerra *Marcovaldo ou As estações na cidade* traduz, na leveza infantil da imagem da lebre que sempre escapa ao lobo, essa frágil possibilidade que o sonho da modernização ainda tem de se realizar. Na moral da história, desenha-se uma cidade “concentrada

numa redoma luminosa, sepulta no coração escuro de um bosque” (Calvino, 1994:135). Uma cidade que ainda guarda aquilo que o historiador das formas urbanas Munford (1982) chamou de “o maior dos dons da cidade”: a capacidade de concentração de energia física e cultural capaz de acelerar o ritmo do intercuro humano, transmitindo de geração a geração uma cultura complexa que desenvolve inúmeras formas de melhoria da vida do homem na terra. Este mesmo autor considera que “a primeira necessidade da cidade hoje em dia é uma intensificação do autoconhecimento coletivo, uma visão mais profunda dos processos da História, como primeiro passo para a disciplina e o controle” (Munford, 1982:669). Ou seja, a possibilidade de transformação e de realização das potencialidades positivas da cidade moderna depende daquele olhar crítico que, descobrindo as misérias da existência urbana, é também capaz de enxergar uma outra forma de se viver a cidade. É esta capacidade que a sensibilidade para a natureza confere ao olhar de Marcovaldo:

“Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade : avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência”.(Calvino, 1994:7)

Mais do que uma seleção de objetos desqualificados pela vida da cidade, o olhar de Marcovaldo empreende uma subversão do tipo de percepção a que ela incita. "A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente", comenta Marco Pólo sobre Zirma, em *As cidades invisíveis* (Calvino, 1990:23). A multiplicidade de signos que compõem a cidade enquanto linguagem é unificada pela predominância de um tipo de representação. Utilizando a tríade de Charles Sanders Peirce (1984) que classifica o signo em sua relação com o objeto, pode-se dizer que a linguagem com que estas imagens, criadas "para atrair a atenção", se constroem é basicamente simbólica.⁽²⁾ A publicidade, a arquitetura, a moda, a TV, os signos típicos do universo urbano moderno mantêm com o objeto que representam uma relação meramente convencional, na medida em que remetem a uma idéia geral relativa ao significado. Há, sem dúvida, um componente icônico na materialidade da fotografia no *outdoor* em que a moça de dentes perfeitos anuncia em seu sorriso a nova fórmula do creme dental, mas o efeito almejado pela publicidade é obtido pela carga simbólica que produz no receptor um interpretante referente às idéias gerais de saúde e estética dentárias. Neste caso, ainda há entre o objeto e o interpretante uma possível relação, mas vários anúncios se valem de ligações bem menos plausíveis, como, por exemplo, a campanha do cigar-

2 - Em relação ao objeto, o signo pode ser um ícone — que representa o objeto através de semelhança ou analogia, de tal modo que novos aspectos deste são revelados —; um índice — que mantém uma ligação direta com o objeto representado, sendo afetado por ele — ou um símbolo — que se refere ao ob-

ro Hollywood, em que o produto é associado à imagem de jovens intrépidos praticando esportes arriscados. A contradição entre o tabagismo e a preparação física inerente à atividade esportiva passa despercebida pelo receptor envolvido pelo jogo cênico do comercial de TV.

No conto "A cidade e os símbolos 1", de *As cidades invisíveis*, Calvino dá a entender que os signos da natureza, ao contrário, seriam de tipo indicial, ou seja, manteriam uma relação concreta, material com seu objeto — uma "casca de figo se desfazendo na calçada" guarda resíduos materiais do figo a que remete. Fica patente neste conto o caráter simbólico da linguagem visual urbana, onde "Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas" (Calvino, 1990:17). Máximo Canevacchi (1993) adverte para o fato de que a constância e a intensidade deste tipo de representação produz um excesso de familiaridade com esses signos que embota a percepção de outros possíveis sentidos ali contidos. É nessa medida que o autor de *A cidade polifônica* considera que "A coisa mais opaca de nossa cultura contemporânea é a que nos é mais familiar, justamente porque nos envolve diretamente com toda a vida cotidiana, bem como com a onírica" (Canevacchi, 1993:30). E embora neste momento ele não cite Calvino, bem caberia uma menção ao conto de *As cidades invisíveis* a que nos referíamos há pouco:

eto através de uma convenção ou associação de idéias genéricas. A teoria de Peirce ultrapassa em muito a simplificação a que seus conceitos foram aqui submetidos, mas para a reflexão que se desenvolve agora, basta essa noção geral.

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes”. (Calvino, 1990:18).

Marcovaldo escapa à essa armadilha da cidade porque sua percepção tem um outro direcionamento, capaz de divisar os significados menos explícitos dos signos urbanos.

Talvez a anônima cidade de Marcovaldo se chame Tamara. Mas ela também poderia ser Cloé, onde “as pessoas que passam pela rua não se conhecem” (Calvino, 1990:51), ou Zembrude, Leônia, Maurilla. No Posfácio a Marcovaldo, Ítalo Calvino ressalta que a cidade em que seu herói vive não é definida, “que não se trata de uma cidade, mas da cidade, uma metrópole industrial qualquer, abstrata e típica” (Calvino, 1994:139). As aventuras de Marcovaldo podem-se passar em Tóquio ou Bangcoc, Londres, Cidade do México, Nova Iorque ou São Paulo. Os dois textos que se seguem surgiram da idéia de lançar o olhar de Marcovaldo sobre algumas peculiaridades do Rio de Janeiro, trazer Marcovaldo para ver um pouco da nossa cidade maravilhosa. E já na divisão por estações do ano se revela uma particularidade carioca: as quatro estações européias retratadas por Calvino em seu livro são aqui substituídas pelas duas únicas que são marcantes em nosso clima tropical verão e não-verão.

Os meios de transporte coletivo podem conduzir um cidadão às mais variadas regiões da imaginação. Para matar o tempo ou disfarçar o desconforto de uma viagem num trem de subúrbio no Rio de Janeiro, por exemplo, o sujeito tem sempre a opção de sonhar com um carro, pensar no que faria se ganhasse uma bolada na Loteria, tentar adivinhar o prato que o espera no jantar... A mente tem total liberdade de movimento, ao contrário do corpo, que mal consegue respirar o ar abafado, comprimido entre uma senhora gorda de nádegas proeminentes e um rapaz apático com pinta de boy e desodorante vencido já àquela hora da manhã. Espíritos menos criativos, incapazes de se desligar da situação concreta, não têm outra alternativa senão apreciar a paisagem que os circunda. Os felizardos que se localizam perto da janela podem ver até mesmo o mundo lá fora: o infindável muro cinza passando, cacos de bancos cinzas nas estações, um trem azul-cinzento que vai na direção contrária.

Marcovaldo, homem de imaginação privilegiada, nunca se dava conta do que ocorria à sua volta durante as intermináveis viagens diárias entre Leopoldina e Olaria. Às vezes até passava por situações desagradáveis, como quando a mocinha suja de esperma julgara que ele fora o autor do ato na verdade praticado, sem que ele o percebesse, pelo sujeito forte que

estava do seu lado. Ou a vez em que, distraído com seus devaneios, não se encaminhou para a porta com a antecedência necessária e acabou perdendo a estação, só conseguindo saltar na terceira depois da sua.

Naquele dia, Marcovaldo lembrava desses acontecimentos enquanto observava o movimento interno do vagão. Ele nunca viajava àquela hora, sempre pegava o trem no horário do rush. Mas como estava de férias, ia no trem vazio até Bonsucesso, onde compraria uma peça para o carro que consertava no bico que estava fazendo pro Manelito da oficina. E até que estava gostando da pequena viagem, ia brincando com uns filhotes de viralata, enquanto o proprietário dos mesmos baixava o preço da unidade na vã esperança de conseguir um comprador. Aquele era um dos integrantes da enorme procissão de vendedores que percorria os vagões oferecendo cuecas chupador-de-laranja pastel veneno-para-rato bijuteria. Marcovaldo comprou cinco drops por dois real na pequena promoção de um menino sem camisa e saltou.

Preso na onda de gente que se espremia entre as barracas de camelôs da Praça das Nações, ele pensava na praia do dia seguinte. Que beleza seria curtir o sol do verão, o dia inteiro na Barra! Ia nadar e aproveitaria também pra fazer um pouco de exercício na areia e depois tomar uma água de côco passeando com a mulher pelo calçadão que nem bacana! Valia a pena perder o dinheiro de um dia de trabalho em troca do empréstimo do Fusca.

Já tinha acertado tudo com o Manelito: Marcovaldo poderia usar aquele carro que já estava pronto e que o dono só ia buscar no fim da semana. À noite contaria a novidade à mulher.

Guardou o segredo até a hora de dormir, quando o calor é mais insuportável, para que a perspectiva de um mergulho refrescante tivesse um efeito maior.

— Domitila, amanhã vai fazer o maior sol. — disse Marcovaldo deitando-se ao lado da mulher — Adivinha pra onde nós vamos...

— Ah, não! — ela se ergueu um pouco, indignada — Pra ir pra Copacabana naquele ônibus lotado eu prefiro ficar em casa!

— Nada disso, amanhã nós vamos é pra Barra. E de carro! — declarou Marcovaldo virando o circulador de ar pro seu lado.

E enquanto o marido lhe explicava a combinação feita com o mecânico, Domitila se levantava para mudar novamente a posição do circulador que, afinal, não fazia tanto efeito assim no calor abafado do conjugado.

No dia seguinte, despachadas as crianças para a escola, o casal ia saindo quando encontra D. Mirolúcia, a vizinha da esquerda, que com poucas frases conseguiu convencer Domitila a acompanhá-la num serviço na casa de uma patroa sua. Marcovaldo ainda tentou fazer a mulher voltar atrás, mas ela alegou que D. Estelita pagava bem, a comida lá era sempre boa e aquele dinheiro viria a calhar, pois ela

estava economizando para comprar uma sandália igual a que Marinara Fontesseca usava na novela. Foi assim, sozinho, e pensando no estranho fato de que uns pedaços de couro falso fossem capazes de impelir uma pessoa a um dia inteiro de trabalho exaustivo, que Marcovaldo embarcou no carrinho verde-limão e partiu rumo ao mar sem fim.

Há muito tempo ele não dirigia e só depois de passar pelo quarto quebramolas se habituou às inevitáveis mudanças de marcha. O calor era intenso, embora houvesse algumas nuvens no céu. Perto da saída para a Avenida Brasil, havia um engarrafamento, que torturava os motoristas, mas fazia a felicidade dos inúmeros vendedores de cerveja, refrigerante e água mineral que aproveitavam a ocasião para expor a faixa em que se anunciava a fundação da Associação Municipal dos Vendedores e Pedintes do Trânsito. Marcovaldo já estava banhado em suor quando chegou a um sinal vermelho, onde finalmente pôde descansar da variação entre primeira e segunda, tendo a sorte de parar à sombra de uma frondosa amendoeira. Pensando em aproveitar por alguns instantes aquele oásis, ele estranhou quando ouviu uma sinfonia de buzinas atrás de si, orquestradas pelo apito de um guarda invisível. Verificou o sinal: vermelho. Da mesma cor estava o funcionário da CET-Rio que vinha em sua direção gesticulando vigorosamente como quem bate em um tambor sob o braço. Confuso, Marcovaldo pôs a cabeça para fora e argumentou:

— Mas o sinal não está fechado?

— Passa logo, não está vendo que está enguiçado! — respondeu o rapaz entre um guincho e outro.

Dali pra frente o trânsito fluía bem. Era o fim do rush matinal e andava-se a 60 na Brasil, com algumas freadas ocasionais para desviar de um buraco ou dos vários ônibus que mudavam de pista sem sinalizar. Até que, de repente, as luzes de freio do carro na sua frente se acenderam e Marcovaldo suspirou enquanto freava para compor a cauda daquela serpente mecânica que se arrastava lentamente. Novo engarrafamento, desta vez sem perspectiva de sombra. Talvez por isso Marcovaldo olhasse com tanta admiração para o Instituto Oswaldo Cruz, que irrompia por entre as altas árvores. Sempre gostara daquela construção insólita que, do alto de sua elegância, testemunhava com desdém o caos poeirento da grande via. Mas da última vez que passara ali à noite, que decepção! Havia luzes de neon lilás ressaltando os contornos das cúpulas! Pelo menos de dia ainda era possível admirar a beleza do prédio, e Marcovaldo imaginava ali uma cidade perdida, onde as pessoas caminhassem por entre aléias bem cuidadas ouvindo a aigazarra dos passarinhos e sentindo o cheiro úmido da terra. “Um dia ainda entro aí”, pensava enquanto a imagem fantástica do castelo ia ficando para trás.

Logo adiante o congestionamento se dissipava, após o acidente envolvendo um carro importado e um ônibus pirata. Marcovaldo ganhou novo ânimo e

acelerou pensando que estava cada vez mais próximo do mar: a areia fininha, a água translúcida, aquele cheiro salgado. No entanto o que sentia era o odor fétido e penetrante que anunciava a fábrica de sabão.

E eis que, sem motivo aparente e em meio àquele fedor terrível, o fusquinha perde a potência e morre logo que Marcovaldo consegue conduzi-lo, à força de rezas, até o refúgio para carros avariados.

— Não é possível! — disse ao volante — Fui eu mesmo que consertei esse carro... Só se... Gasolina!

Saltou do carro e logo recebeu a contínua rajada do vento quase sólido que acompanha os veículos. Olhou em volta: nenhum posto à vista. A solução era atravessar a pista para procurar. O problema era atravessar a pista. Durante alguns minutos Marcovaldo ficou olhando o fluxo ininterrupto e quase chegou a jurar que jamais seria capaz daquela travessia, mas logo imaginou o suplício que seria permanecer por mais tempo sob aquele sol e, enchendo-se de coragem, cortou a correnteza. Seu impulso o levou a beijar o chão do outro lado: a corrida o desequilibrou fazendo com que caísse e derrubasse um homem que passava. Muito envergonhado, Marcovaldo ajudou-o a se levantar pedindo mil desculpas e ficou espantado com a reação do outro, que apenas meneava a cabeça como quem diz "Não foi nada". Aproveitando a surpreendente cordialidade, Marcovaldo perguntou-lhe se sabia

para que lado ficava o posto mais próximo. O homem ergueu o rosto, tinha a expressão de alguém que vive procurando coisas que sabe muito bem onde estão. E disse numa voz pausada:

— O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o Inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Marcovaldo ia perguntar o que aquelas belas palavras queriam dizer quando a fumaça de um ônibus fez com que engasgasse. Quando conseguiu abrir novamente os olhos lacrimejantes, o homem já havia sumido na cortina de monóxido de carbono.

Marcovaldo decidiu então subir na passarela, de onde poderia localizar o posto mais próximo. Lá de cima avistou o letreiro luminoso e desceu correndo, embora estivesse um pouco tonto com a vertiginosa massa de carros novos velhos velozes lentos numa só corrente contínua como um trem de minúsculos vagões privados que passasse por entre duas paredes de outdoors. Chegou finalmente ao posto, onde conseguiu comprar a tal da gasolina, apesar da dificuldade de se comunicar com o funcionário que, além de se recusar

a atendê-lo com a alegação de que a bomba era self-service, era meio surdo — certamente por causa do ruído permanente dos carros e dos berros que chegavam do templo da Irmandade dos Contribuintes do Rei Jesus, pensou Marcovaldo.

A caminho do carro, Marcovaldo sentiu a primeira gota de chuva. A princípio julgou que a água fosse proveniente de alguma poça sob a roda de um carro, mas logo percebeu que o chão estava seco e o céu carregado de nuvens negras. Logo caía um daqueles imprevisíveis temporais do verão carioca. Marcovaldo corria com os dois litros de gasolina nas mãos e sentia-se profundamente frustrado. Sua praia fôra por água abaixo. Mas sentindo a chuva forte que escorria no seu rosto e empapava a camiseta fina, começou a gostar daquele frescor que caía do céu, limpando o suor, a poeira e por fim até a decepção. E as pessoas nos pontos de ônibus e debaixo das marquises olhavam com espanto aquele homem que caminhava lentamente, se deixando molhar, com o rosto voltado para cima e os braços abertos.

Não-verão: Sangue e Festim

Marcovaldo não era propriamente o que se poderia chamar de fanático por futebol. Mas, vivendo no Rio de Janeiro, não havia como deixar de nutrir uma certa simpatia pelo esporte. Como bom carioca, sempre estava a par do resultado dos principais jogos e, de vez em quando, até batia uma bolinha.

Domingo tinha uma pelada marcada com o pessoal da firma na praia de Copacabana. Domitila estava até estranhando a excessiva animação do marido com a partida. O que ela não sabia era que depois do jogo haveria um churrasco, patrocinado pela caixinha dos funcionários, na casa de Argemiro, que morava na favela da Ladeira dos Tabajaras. A festa fora mantida em segredo pelos homens, que pretendiam um dia de muita bebedeira, sem a marcação cerrada das esposas. Marcovaldo nem fazia questão disso, não era de beber muito. O que o empolgava mesmo era a comida saborosa que o esperava.

Na manhã de domingo, ele saiu de casa cedo, porque os ônibus são ainda mais demorados no fim de semana. Pegou o 484 (Olaria-Copacabana) no ponto final, mas só conseguiu ficar sentado por uns poucos minutos; logo o ônibus estava cheio e ele cedeu seu lugar para uma jovem senhora que ia para a praia com seus quatro filhos. Lá atrás, um grupo de jovens, também a caminho do mar, animava a viagem cantando os últimos sucessos do rádio. O coro cantava o refrão:

— Não tem caô
De lá, de lá, do lado de lá
Da Zona Sul à Zona Norte
O que eu quero é surfar.

E entrava o solista, cada estrofe era cantada por um dos rapazes:

— Surfista Zona Sul

Vai da Barra pro Haváí
Surfista Zona Norte
Da Central a Japeri.

Marcovaldo achava a letra engraçada, era divertida aquela brincadeira. Ficou tão distraído que nem notou a passagem do tempo e, quando se deu conta, já estava na praia de Botafogo, encantado com o espetáculo da Baía de Guanabara, “a maior prova de que Deus é brasileiro”, conforme atestava o outdoor da United Airlines que vira na Brasil.

Chegou pontualmente no lugar marcado e, naturalmente, ainda não havia ninguém. Sentou num banquinho no calçadão e ficou admirando a paisagem, o belíssimo contorno daquela praia quase lendária, a enorme extensão de areia que o separava da água, o barulho das ondas batendo na areia... Infelizmente não pôde ouvir por muito tempo o som do mar, que logo fora encoberto pelo som de duas vozes que obrigavam Marcovaldo a ouvir uma conversa alheia. Ali pertinho, um rapaz e uma moça, ambos bronzeadíssimos, tomavam água de côco, ele encostado numa bicicleta e ela equilibrando-se sobre patins. Falavam do assunto que substituíra o comentário meteorológico nas conversações entre pessoas pouco íntimas: o caos do trânsito.

— É, a gente reclama, mas imagina quem mora na Barra, todo dia aquele engarrafamento, o tempo todo.

— Mas parece que vai melhorar, né, estão construindo a Linha Amarela e aí vai ficar mais rápido ir da Barra pro Centro.

— É, mas em compensação vai ser rapidinho também pra quem mora na Baixada chegar lá. Aí já viu né, a praia vai virar a maior farofada.

— Pode crer! Aqui, com essas linhas de ônibus já tá uma porcaria. Por isso que eu prefiro vir à praia durante a semana, que aí a praia é nossa, né?

Ao ouvir essas últimas palavras, Marcovaldo sentiu um aperto na garganta, tentando engolir o coquetel em que se misturavam raiva, tristeza, autocomplacência, revolta e vergonha. Olhou em volta. O Rio de Janeiro continuava lindo. Rio, seu mar, praias sem fim. Quer dizer que essas águas não foram feitas pra mim? De fato, ele sempre se sentira meio deslocado na Zona Sul, não sabia direito como se comportar, as pessoas eram diferentes e o deixavam intimidado, inseguro. Ele não era igual a elas. Ele fazia parte dos invasores, daqueles que chegam à praia em ônibus lotados, daqueles que não têm direito às belezas, prazeres e alegrias da cidade. Então havia duas cidades? Uma no morro e outra no asfalto, uma à beira-mar e outra beirando a linha do trem? Viu um grupo de meninas da idade de Isolina que passavam num doce balanço a caminho do mar. Mas aquelas moças deviam ouvir as mesmas músicas, ver as mesmas novelas que sua filha — será que não sonhavam os mesmos sonhos?

Nesse momento sentiu um tapa nas costas. Eram os colegas chegando, após o atraso regulamentar de quinze minutos. Marcovaldo logo esqueceu a melancolia.

Bola pra frente! O jogo começou assim que se definiram os times. No gol, Marcovaldo se empenhava pela equipe, e se jogava na areia e corria e prestava atenção a todos os lances, o que não o livrou de levar alguns gols, inclusive um frango admirável. Seu time perdeu as duas partidas, mas ele estava satisfeito, era bom praticar um pouco de exercício e o clima de camaradagem era que valla. E o melhor do dia ainda estava por vir: o churrasco.

Argemiro morava no alto do morro. Marcovaldo e os companheiros o seguiam, subindo por entre barracos, casas de alvenaria, árvores, pedras, esgoto. Numa esquina, uma biosca, na outra, um ponto de bicho. Aqui uma igreja evangélica, ali uma boca de fumo, mais adiante um grupo de crianças quase peladas brincando nas ruas, se é que aqueles caminhos podiam ser chamados de ruas. Ao lado da casa de Argemiro, o terreninho onde se improvisava a churrasqueira estava coberto por um tapete de folhas amareladas, caídas de uma mangueira que oferecia uma sombrinha providencial.

Logo se acendia a churrasqueira e tome cerveja e cachaça. Alguém apareceu com uns instrumentos e não demorou para se começar o pagode. E bebiam e cantavam e sambavam e a carne nada de sair. Marcovaldo já estava meio alto porque bebia de estômago vazio, mas tudo bem, era festa! E que festa, há muito tempo não se divertia tanto. Quando a carne saiu, deixando um suculento rastro de sangue sobre as folhas, ele achou que aquele dia estava perfeito. E comeu be-

beu cantou dançou, depois se atirou numa cadeira para descansar um pouco. Acabou cochilando com a cabeça encostada na mangueira e sonhou com a queima de fogos do reveillon de Copacabana.

Logo que acordou percebeu que algo havia acontecido. Algumas pessoas choravam, outras corriam ou gritavam por alguém, uma confusão danada. Marcovaldo foi até Argemiro, que confabulava com outros homens, e perguntou o que tinha acontecido.

— Você não viu? Teve o maior tiroteio aqui perto.

Os homens especulavam sobre o motivo da troca de tiros e já se formava um bolão de aposta: guerra de quadrilha x invasão da polícia. Nisso chegou um soldado de cabelos compridos contando o motivo dos disparos: a polícia recebera uma denúncia anônima, segundo a qual o filho do figurão que fora seqüestrado há alguns dias estava preso ali no morro. Os policiais chegaram atirando, a sorte é que o barraco estava vazio. Até porque, segundo o rapaz, que parecia inteirado das atividades ilícitas praticadas ali, a denúncia era falsa, os seqüestradores não eram daquela área.

Não havia mais clima para festa nenhuma. Lá de cima, Marcovaldo via a cidade, que aos poucos ia acendendo suas luzes. Aquilo era bonito, sim. Desceu o morro com alguns colegas. Lá embaixo se despediram e ele resolveu ir andando pela praia até o ponto de ônibus, para esfriar um pouco a cabeça com a brisa noturna. Es-

tava novamente melancólico e andava pelo calçadão como se não tivesse rumo, como se fosse uma daquelas folhas que o vento carregava. As pessoas à sua volta também pareciam vagar sem destino: os turistas com suas camisas floridas, as crianças pedindo dinheiro nos sinais, a mulher arrumadíssima falando no telefone celular, a garotada indo para os bares, as prostitutas e travestis se esmerando num curto desfile. Copacabana não engana, aquele bairro resumia os contrastes da cidade. O reto paredão de prédios diante das curvas da costa, o aterro que fazia da praia uma espécie de deserto, os ricos e os pobres postos lado a lado. A divisão da cidade não era geográfica. A cidade dos ricos e a cidade dos pobres se sobrepunham, se chocavam, se misturavam.

(Eu sou do Rio de Janeiro)

Acompanhar Marcovaldo pelo Rio de Janeiro foi uma viagem, no sentido que a palavra tem na gíria jovem da cidade. Uma experiência surpreendente que provocou em mim mesma uma outra forma de percepção do lugar em que sempre vivi. Daí essa inevitável primeira pessoa neste trecho final, que, afinal, mesmo que tivesse sido escrito de outra forma, não deixaria de ter caráter confessional. Depois de contar o Rio visto pelos olhos de Marcovaldo, quero agora resumir em um episódio como Marcovaldo fez mudar o meu olhar sobre o Rio.

Numa tarde de sol do mês de novembro, eu ia para o centro da cidade.

Antes estivera num shopping, construído onde há alguns anos funcionava a fábrica de tecidos Nova América. Peguei o metrô — ou melhor, o eternamente pré-metrô — na estação de Del Castilho. Apesar da lentidão, da ausência de ar refrigerado e do enorme intervalo entre um trem e outro, sempre acho a viagem na linha 2 mais interessante que na linha 1 por causa da paisagem. Ao invés da escuridão do subsolo, na linha 2 a gente vê o mundo lá fora. E eu olhava pela janela a pobreza daqueles subúrbios. É uma área fabril e triste, soturna. Do alto da linha dá pra ver os pátios desertos das fábricas. Desde Maria da Graça eu não via ninguém, só um soldado imóvel de guarda em uma construção militar. Eu pensava em Marcovaldo, no que ele sentiria ou faria diante daquela paisagem. Mas foi depois de Triagem que presenciei a cena que fez com que eu me desse conta das lentes de Marcovaldo instaladas em meus olhos. Quase chegando à estação Maracanã, havia um grande terreno baldio, cercado por um muro que me pareceu relativamente alto. De cima não dava pra ter muita noção de tamanho, mas o mato também parecia já ter crescido bastante. Era inusitada a visão daquele polígono verde depois de tantas favelas, muros e prédios, tudo sujo e cinza. Havia uma picada sinuosa no meio do mato e por ela passava uma mulher com uma criança no colo e algumas outras na frente e atrás de si. A última, que parecia ser uma menina, ia brincando, meio que dançando pelo caminho. Lembrei-me dos filmes em que mocinhas com longos vestidos caminham por entre as flores do campo. Mas a

cena real, apesar do idílico que evocava, tinha um final nada bucólico. Aquelas pessoas se dirigiam para uns barracos que ficavam do lado de fora do muro, lá embaixo.

Foi assim, assumindo esse ponto de vista marcovaldiano, que recolhi na memória ou na imaginação as situações das narrativas, todas elas, me parece, bastante típicas da vivência de um carioca. Que estes textos fiquem, portanto, menos como análise que como testemunho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, P. (1986) *Modernidade e Revolução. Novos Estudos Cebrap*, 14.
- BERMAN, M. (1986a) *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CALVINO, I. (1990) *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1994) *Marcovaldo ou As Estações na Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1990a) *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANEVACCI, M. (1993) *A Cidade Polifônica - Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação urbana*. São Paulo: Nobel.
- MUMFORD, L. (1982) O mito de megalópolis. IN: _____. *A cidade na história — suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes/EdUnb.
- PEIRCE, C. (1984) *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix.
- PIGNATARI, D. (1991) *Simbologia do consumo na TV*. IN: D. Pignatari et alii. *Rede Imaginária — Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARLO, B. (1993) *Arti: cidade real, cidade imaginária, cidade reformada*. IN: L. Chiappini (Org.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp/ Centro Ángel Rama.
- VERHAEREN, E. (1938) *Oeuvres*. Paris: Mercure de France.
- WILLIAMS, R. (1989) *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.